

M E M Ó R I A



*João Baptista Borges Pereira*

PRIMEIRO  
CURSO  
DE FÉRIAS  
DA USP

## RESUMO

O texto, em tons memorialistas, recupera o Primeiro Curso de Férias da USP, que teve como tema o cinquentenário da Semana de Arte Moderna e contou com a participação dos que viveram e ajudaram a construir o clima intelectual e artístico do movimento. Paralelamente aos depoimentos, conferencistas focalizaram, de várias perspectivas, o significado do evento que estava sendo rememorado. Material sobre o Primeiro Curso de Férias da USP encontra-se à disposição para consulta nos arquivos do Instituto de Estudos Brasileiros (IEB), instituição organizadora da atividade.

**Palavras-chave:** Semana de Arte Moderna, modernismo, curso de férias na USP.

## ABSTRACT

*This memoir-like text looks back on the First Vacation Course at USP, whose theme was the fiftieth anniversary of the Modern Art Week, and which featured the participation of those who experienced and helped build the artistic and intellectual environment of that movement. Along with personal accounts, lecturers focused under myriad perspectives on the significance of the event being remembered. The material on the USP First Vacation Course is available for consultation in the archives of the Institute for Brazilian Studies (IEB), the institution organizing the event.*

**Keywords:** *Modern Art Week, modernism, USP vacation course.*

**J**aneiro de 1972. Convocado pelo vice-diretor em exercício, professor Eduardo Kneese de Mello, o Conselho do Instituto de Estudos Brasileiros reuniu-se para apreciar ofício do reitor Miguel Reale ao IEB, atribuindo-lhe a organização do Primeiro Curso de Férias da Universidade. Sérgio Buarque de Holanda, fundador do IEB e decano do conselho, antecipou-se à discussão e, usando como argumento o fato de eu ser o mais jovem do colegiado, indicou-me para organizar, coordenar e escolher o tema do curso. Não havia como recusar. Confesso que ao deixar a reunião, meia hora depois, fiquei preocupado com a responsabilidade que o dr. Sérgio jogara, em tom brincalhão (como era o seu estilo), sobre os meus ombros. Além da preocupação, o ofício do reitor trouxera-me uma surpresa: fiquei sabendo que a USP, hoje tão pródiga em cursos extracurriculares, não havia desde sua fundação realizado nenhum curso de férias.

Para entender essa situação, é necessário saber que, à época, a universidade estava sendo regida pelo Estatuto de 1969 (Decreto 52.326), que definia e regulamentava, no inciso III do artigo 23, os cursos de especialização, aperfeiçoamento e extensão universitária, a cargo do Conselho de Ensino, Pesquisa e Extensão de Serviços à Comunidade. Esse conselho era composto por quatro câmaras que, anos depois, na gestão do reitor José Goldemberg, seriam transformadas nas atuais pró-reitorias.

O curso que o conselho do IEB me encarregara de organizar seria o primeiro de muitos que viriam depois. Após a surpresa, a apreensão: que tema escolher dentre tantas alternativas viáveis? Lembrei-me que 1972 era o ano do cinquentenário da Semana de Arte Moderna. Enquanto os jornais noticiavam o significado da data e outras instituições particulares e governamentais já se preparavam para as comemorações, a USP estava silenciosa. O curso poderia se constituir na oportunidade de quebrar o silêncio, o aparente desinteresse pelo evento. Foi por essa linha temática que me enveredei. A pro-

posta pormenorizada foi, numa segunda reunião, aprovada pelo conselho. Para realizar o curso, deveríamos submeter a proposta ao reitor (na época do regime militar nada poderia ser realizado fora do esquema de aulas sem o aval da reitoria). Miguel Reale leu o plano demoradamente, mas não o aprovou, alegando que sua gestão destinaria verbas somente a projetos ligados ao aprimoramento de áreas estratégicas para o país. Justificou sua medida tomando como exemplo o professor Oscar Salla. O reitor referia-se ao evento, do qual participou festivamente o então ministro Jarbas Passarinho, ligado à chegada do acelerador nuclear Pelletron, que viera fazer companhia ao Belatron, o primeiro a chegar ao Brasil, antes de 1970.

Ao ouvir a resposta negativa de alguém próximo das humanidades, sugeri-lhe, ousadamente, que enviasse um professor ligado à Física para organizar o Primeiro Curso de Férias da USP. E deixei a sala. Surpreendentemente, dois dias depois, recebi telefonema do gabinete para novo encontro. Fui recebido pelo vice-reitor, Orlando Marques Paiva, professor da Faculdade de Medicina Veterinária, que, na ausência do professor Reale, em viagem ao exterior, havia assumido o cargo reitoral por alguns dias. Contou-me haver escutado o relato de meu projeto ao professor Reale e me perguntou se haveria tempo ainda para implementar o curso. Ao ouvir meu sim, o professor Paiva deu ordens para liberar a verba necessária.

Dia 21, de manhã, com a presença do vice-reitor, o curso foi inaugurado no lotado auditório do Departamento de Geografia, com o depoimento de Menotti del Picchia.

O curso foi programado simbolicamente com a duração de uma semana – 21 a 25 de fevereiro – entremeando conferências e depoimentos de personalidades ligadas ao modernismo da década de 20. Além de Menotti del Picchia, participaram Di Cavalcanti, Fernando de Azevedo e Gregori Warchavchik, que substituiu seu depoimento por frase surpreendente e recebeu demorados aplausos da jovem plateia: “Tudo isso foi muito bom. Mas o que vale na vida mesmo é o amor!”.

**JOÃO BAPTISTA BORGES PEREIRA** é professor emérito da USP, professor pleno da Universidade Presbiteriana Mackenzie e autor de, entre outros, *Italianos no Mundo Rural Paulista* (Edusp).

Agradeço ao Instituto de Estudos Brasileiros da USP o acesso aos dados que permitiram a elaboração deste texto.

**Kneese de Mello, Di Cavalcanti e João Baptista Borges Pereira; abaixo, Menotti del Picchia, Kneese de Mello, Paulo Bonfim e Antonio Soares Amora; ao lado, a plateia do evento**



IEB-USP



O curso foi composto por depoimentos dos que viveram aqueles momentos históricos, mas também por conferências que focalizaram a Semana de 22 sob várias perspectivas. Eis a relação dos conferencistas e os temas abordados:

- Menotti del Picchia – “Um Depoimento: O Manifesto do Trianon”;
- Oswaldo Elias Xidieh – “A Presença do Popular nas Obras de Mário de Andrade e de Oswald de Andrade”;
- Telê Porto Ancona Lopez – “Os ‘Ismos’ na Literatura Modernista”;
- Antonio Carlos Villaça – “O Pensamento Brasileiro na Década de 20”;
- Gustavo Dória – “O Teatro Brasileiro nos Anos 20”;
- José Carlos Garbuglio – “Literatura e Experimentação no Modernismo Brasileiro”;
- Dante Moreira Leite – “A Ideia de Brasileiro no Modernismo”;
- José Sebastião Witter – “Os Anos 20 em São Paulo”;
- Rui Galvão de Andrada Coelho – “Raízes Brasileiras do Movimento Modernista”;

- Laerte Ramos de Carvalho – “Os Antecedentes da Renovação Educacional Brasileira na Década de 20”;
- Aracy Amaral – “Artes Plásticas na Década de 20”;
- Eduardo Kneese de Mello, Nestor Goulart Reis Filho e Gregori Warchavchic – “Arquitetura e Urbanismo na Década de 20”;
- Benedito Lima de Toledo e Marta Rossetti Batista – “Arquitetura e Urbanismo na Década de 20”;
- Francisco Luiz de Almeida Salles – “O Cinema Brasileiro nos Anos 20”;
- Virgílio Noya Pinto – “Cultura e Comunicação na Década de 20”;
- Mário Leônidas Soares Casanova – “O Cançãoeiro Popular no Brasil nos Anos 20”;
- Odilon Nogueira de Mattos – “Panorama da Música Erudita na Década de 20”.

No encerramento do curso, com depoimento de Di Cavalcanti, sentado à mesa e presidindo a cerimônia, estava Miguel Reale, arrancando aplausos da plateia ao elogiar com sua eloquência de sempre a realização de tão expressivo evento.